

Breve comparação entre os dois tipos de homem virtuoso traçados nos livros III e VI da *Ética a Nicômaco*

Gustavo Lunz*

Resumo

O artigo busca estabelecer sintética comparação entre dois tipos reconhecidos de homens virtuosos tratados na *Ética a Nicômaco*, sem a pretensão de ser exauriente. O primeiro homem virtuoso, tal como caracterizado no Livro III, é pessoa dotada de dom natural que lhe orienta o fim a ser alcançado e com isso bem delibera e bem age, sem fraquejar a vontade. Seus julgamentos e ações se voltam para as particularidades da vida, sem maior recurso a valores universais, no que age intuitivamente. O segundo tipo bem delibera e age informado por virtude do intelecto que o aparelha para a boa conduta, a prudência. Detentor de sabedoria prática, orienta-se nas encruzilhadas morais lançando mão dos universais que apreendeu em sua vivência. A caracterização dessas duas espécies de virtude acompanha um esquema de hierarquização dos tipos de conhecimento. Não se tem uma efetiva oposição ou divergência entre eles, mas uma gradação, um sentido evolutivo da conduta ética.

Abstract

The article seeks to establish a synthetic comparison between two recognized kinds of virtuous men depicted in the Nicomachean Ethics, in a non-exhausting way. The first virtuous man, as characterized in Book III, is a person endowed with a natural gift that guides him to the end to be achieved and with that he deliberates and acts well, without weakening his will. His judgments and actions are directed to the particularities of life, without greater recourse to universal values, in what he acts intuitively. The second type deliberates and acts informed by virtue of the intellect that equips him for good conduct, prudence. Holder of practical wisdom, he guides himself at the moral crossroads using the universals he has learned in his experience. The characterization of these two types of virtue follows a hierarchy of types of knowledge. There is no effective opposition or divergence between them, but a gradation, an evolutionary sense of ethical conduct.

Palavras-chave: *Ética a Nicômaco*. Aristóteles.

* Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Lógica e Metafísica, IFCS-UFRJ. Bacharel em Direito pela UERJ. Bacharel em Filosofia pela UFRJ.

Keywords: *Nicomachean Ethics. Aristotle.*

Objetivo do trabalho

Neste breve texto, busca-se estabelecer uma sintética comparação entre dois tipos reconhecidos de homens virtuosos tratados na *Ética a Nicômaco*. Sem a pretensão de ser exauriente, o exercício procura também apontar para outros aspectos importantes de discussão e desdobramentos a serem explorados na obra de Aristóteles em que se baseia.

Livro III. Plano Geral. Primeira ocorrência.

Cabe ao Livro III da *Ética a Nicômaco* a caracterização do que seja o ato voluntário e a escolha deliberada, além da abordagem das virtudes morais da coragem e temperança. A aparente disparidade de temas (seria natural reservar a outro livro o tratamento da coragem e temperança) certamente se deve à extemporânea e altamente controversa organização do texto, o que por si só rende extensas discussões. Parte dos textos da *Ética Nicomaquéia* talvez pertencessem originalmente à *Eudêmia* (embora a maioria dos comentadores sustente o contrário – Zingano, 2018); a divisão do texto em livros e capítulos não foi efetuada por Aristóteles. Eles foram reunidos após sua morte e organizados segundo edição que se tornou padrão (Bekker).

No Livro III em questão, propondo-se investigar o que seja a virtude, Aristóteles indica no logo primeiro capítulo que ela se refere e pode ser identificada apenas nos atos produzidos pela vontade do agente. Apenas atos voluntários são dignos de elogio ou censura; neles que se deve perscrutá-la. Ela está dentre as disposições da alma. A partir daí passa a demonstrar porque se devem excluir da base de busca os atos resultados de ignorância e coação, o que é empreendido nos capítulos seguintes do mesmo Livro III.

Parte então Aristóteles a tratar da escolha deliberada, seu escopo mais restrito em relação ao âmbito normal dos atos voluntários. Considerado o fim a ser buscado, dá-se a escolha sobre os meios que a ele conduzem; por fim, assenta-se que a escolha deliberada é resultado de pensamento e reflexão, ato próprio de um animal dotado do *logos*. No capítulo 5, ainda Livro III, Aristóteles tem em mira o que seja objeto da escolha deliberada, procurando assim extremar das considerações da *Ética* as coisas que, não sendo passíveis de serem deliberadas, não poderão por isso mostrar a virtude do agente.

Os capítulos seguintes tratam de mostrar como é desejo do homem virtuoso o bem e não prazer buscado como aparência de bem pela maioria dos outros e, em demonstração sutil, indica que mesmo esse correto desejar é atribuível ao caráter do homem virtuoso, é ato digno de elogio, decorrente de um caráter bem formado e

orientado. Essas considerações são justamente o que será destacado como primeira ocorrência e termo de comparação para os fins do presente trabalho¹:

A tendência do fim não é auto-escolhida, mas o homem deve nascer como que possuindo um olho pelo qual julgará bem e pelo qual escolherá o bem segundo a verdade, e é bem nascido aquele a quem isto é naturalmente bom, pois é o que há de maior e de mais belo, e que não é possível receber ou aprender de um outro, mas, tal como nasceu, assim o terá, e a boa estirpe verdadeira e perfeita é ter isto bem e belamente por natureza. *Se, então, estas coisas forem verdadeiras, em que a virtude será mais voluntária que o vício? A ambos, pois, de mesmo modo, ao homem bom e ao mau, o fim aparece e se estabelece naturalmente ou de qualquer modo, mas o que quer que façam, referem o resto a este fim.* Então, ou bem um fim qualquer aparece a cada um não por natureza, mas depende em algum sentido dele, ou bem o fim é natural; mas, pelo fato de o homem virtuoso fazer o que resta voluntariamente, a virtude é voluntária, e não menos voluntário será o vício. (*Ethica Nicomachea*, III, 7, 1114b5-20) – grifei

A passagem extraída da EN indica claramente que o homem virtuoso desfruta de um dom natural que o orienta ao correto bem. É justamente seu dom perceber aquilo a que se deve almejar. Isso ele não aprende de ninguém. O que também emerge claro é que essa boa percepção não encerra o fenômeno ético, não basta para que o constitua virtuoso, mas lhe fornece um primeiro passo para o correto agir.

Por isso o destaque dado ao trecho em que se indica que um tal homem “faz o que resta voluntariamente”. Identificado o fim último², delibera e escolhe os melhores meios para sua realização, obviamente lançando mão da razão. Bem percebendo, bem deliberando e corretamente agindo, torna-se virtuoso. Parte de uma boa constituição natural que o credencia ao primeiro passo, é verdade: mas aí não se encerra sua boa conduta. Afinal, não será a consciência do bem que será digna do elogio, mas a correta escolha e sua concretização pelo agente. Maior censura mereceria aquele que consciente do bem e do modo de atingi-lo, enveredasse pelo mal e praticasse o ato vicioso.

O tratamento específico das demais virtudes morais, como já dito, ocupará os capítulos e livros posteriores. A segunda ocorrência e ponto de reflexão, comparação aparece no Livro VI como referido no título. É para lá que se dirigirá a análise.

¹ Os capítulos seguintes do Livro III tratam da coragem e temperança, não se inscrevendo nos objetivos eleitos para o presente exercício comparativo.

² O fim último, o maior dos bens, a *eudaimonia*, que poderíamos grosseiramente traduzir como felicidade, bem-aventurança. Adverte-se que os termos não capturam as possíveis nuances com que o termo aparece no texto. Ela ainda é tida como atividade conforme a virtude (*areté*).

Livro VI. Plano Geral. Segunda ocorrência.

O Livro VI se inicia com a retomada da noção de virtude como meio-termo, o que Aristóteles deixara assentado nos primeiros livros da EN e veio sendo repisado na abordagem de cada virtude moral tratada até esta altura da obra. Já na primeira seção do Livro VI Aristóteles indica que tratará das virtudes do intelecto.

A ligação entre virtude e a parte da alma em que prepondera a atividade racional é paulatinamente construída ao longo dos próximos capítulos, o que está longe de se dar de modo linear. Ao contrário, a complexidade das ilações de Aristóteles se mostra um desafio ao leitor. Em poucas linhas, tem-se no segundo capítulo a conexão da ação com a escolha deliberada (que foi tratada no Livro III), indicando-se ainda o raciocínio que ela envolve para se dar.

O capítulo 3 trata do que seja o conhecimento científico e como se dá o acesso aos universais. No capítulo 4, Aristóteles se volta à aplicação desses universais, extremando *poesis* de *práxis*. É no capítulo 5 que a segunda ocorrência do homem virtuoso que será objeto de nossa comparação aparece. Após reiterar que a sabedoria prática se caracteriza pela *práxis* (o que já se assentara no Livro I), o autor passa a caracterizar o homem virtuoso, indicando a virtude intelectual que lhe é própria, a prudência (*sophrosine*).

Passemos ao trecho de interesse para fins deste artigo:

Ora, julga-se que é *cunho característico de um homem dotado de sabedoria prática o poder deliberar bem sobre o que é bom e conveniente para ele, não sob um aspecto particular, como por exemplo sobre as espécies de coisas que contribuem para a saúde e o vigor, mas sobre aquelas que contribuem para a vida boa em geral*. Bem o mostra o fato de atribuirmos sabedoria prática a um homem, sob um aspecto particular, quando ele calculou bem com vistas em alguma finalidade boa que não se inclui entre aquelas que são objeto de alguma arte.

(...)

A sabedoria prática deve, pois, ser uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito aos bens humanos. Mas, por um lado, embora na arte possa haver uma excelência, na sabedoria prática ela não existe; e em arte é preferível quem erra voluntariamente, enquanto na sabedoria prática, assim como nas outras virtudes, é exatamente o contrário que acontece." (*Ethica Nicomachea*, VI, 5, 1140a25-30; *Ethica Nicomachea*, VI, 5, 1114b20-25) – grifos nossos

Nos capítulos seguintes volta-se a tratar do que seja o conhecimento científico, extremando-o da sabedoria prática, da virtude. A sabedoria política é

alvo de considerações de Aristóteles, que ressalta seus pontos em comum com a sabedoria prática. Extrema-se ainda investigação e deliberação. A inteligência e o discernimento são considerados cada um ao seu modo, indicando-se os campos próprios de sua atuação, sendo o último voltado para o que seja o correto agir. Nos dois últimos capítulos do Livro VI é abordada a sabedoria filosófica e como ela se volta aos primeiros princípios.

Comparação entre as duas figuras. Conclusão.

Os dois trechos extraídos da EN são claros em indicar como se orientam os julgamentos de duas espécies de homens virtuosos, que operam bem as decisões atinentes à vida prática. Coincidem as figuras nesse acerto acerca do bom fim e do bom meio, na correção de seu agir.

O primeiro, caracterizado no Livro III, é pessoa dotada de dom natural que lhe orienta o fim a ser alcançado e com isso bem delibera e bem age, sem fraquejar a vontade. Seus julgamentos e ações se voltam para as particularidades da vida, sem maior recurso a valores universais. A impressão que se tem a partir da leitura é a de que possui certa "intuição" (o sentido que se dá ao termo é a coloquial) acerca do correto agir, sua disposição natural faz com que assim se comporte e o torna virtuoso. Animal racional que é, delibera racionalmente, é claro. Mas os juízos que forma não importam em considerações axiológicas de alta complexidade³. Age de acordo com seu sentido interno de correção, e age bem.

O segundo tipo de homem virtuoso, ao contrário, além de se orientar corretamente em direção ao bem (não necessariamente porque dotado de fortíssima disposição natural que o capacita a identificá-lo), bem delibera e age informado por virtude do intelecto que o aparelha para a boa conduta, a prudência. Armado dessa superior capacidade intelectual, tem uma noção geral do que seja a ação virtuosa demandada em cada situação, conhecendo não apenas os casos particulares. Extrai das situações que vive os valores que estão em jogo. Detentor de sabedoria prática, orienta-se nas encruzilhadas morais lançando mão dos universais que apreendeu em sua vivência.

A caracterização dessas duas espécies de virtude certamente acompanha um esquema de hierarquização dos tipos de conhecimento ou postura epistêmica diante dos negócios humanos. Tem-se no Livro III uma postura imediatista e necessariamente particularizada, que não deixa de ser racional. No Livro VI emerge uma operação *dianoica* especificamente voltada para a vida prática, o que colocaria seu operador num patamar superior em relação ao primeiro. Não se tem uma efetiva oposição ou divergência entre eles, mas uma gradação, um sentido evolutivo da conduta ética.

³ Chamou-nos a atenção no último mês artigo de Bill Hathaway (2014) veiculado pela Universidade de Yale que indicava serem a maior parte das ações heroicas não informadas por grandes silogismos. Heróis agiriam por impulso, segundo conclusões de pesquisa levada a termo por psicólogos que entrevistaram diversas pessoas agraciadas com comenda pela sua bravura. Seriam essas pessoas casos típicos retratados no Livro III da EN?

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim (1979) a partir da versão inglesa de W. D. Ross. (Os Pensadores). São Paulo, Abril Cultural;

HATHAWAY, Bill (2014). *Heroes don't deliberate before they act*. Artigo disponível em: <http://news.yale.edu/2014/10/15/heroes-don-t-deliberate-they-act>. Acessado em 15/nov./2014;

WOLF, Ursula (2010). *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo, Edições Loyola.

ZINGANO, Marco (2008). *Aristóteles: tratado da virtude moral; Ethica Nicomachea I 13 – III 8*. São Paulo, Odysseus Editora;